

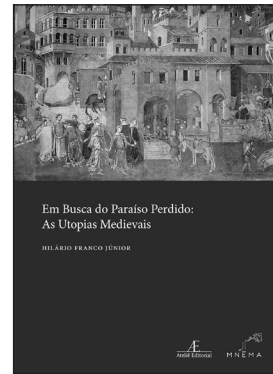
## EM BUSCA DO PARAÍSO PERDIDO AS UTOPIAS MEDIEVAIS

Autor: Hilário Franco Júnior

Editora: Ateliê Editorial/Mnêma, 2021, 552 p.

Resenhado por: David Léo Levisky,<sup>1</sup> São Paulo

davidlevisky@gmail.com



*Em busca do paraíso perdido: as utopias medievais* de Hilário Franco Júnior é uma obra de fôlego. A capacidade investigativa e metodológica do autor, reconhecido nos meios acadêmicos nacional e internacional, traz conteúdos que avivam o pensamento psicanalítico em suas interfaces com a sociologia, a antropologia. Ganhador do prêmio Jabuti de literatura por duas vezes, Hilário possui vasto currículo com obras de profundo interesse para a história social e para a psicologia histórica (inclui-se a psicanálise): *Cocanha, a história de um país imaginário*; *A Eva barbada – ensaios de mitologia medieval*. Leituras que contribuem para ampliar a compreensão sobre as singularidades e particularidades da mente humana em seus diferentes níveis de subjetivação. Amante do futebol, Hilário também fez análise minuciosa deste esporte como expressão de nossa sociedade, meios políticos e sociais.

Sua obra amplia a percepção da natureza humana diante de sonhos individuais e coletivos projetados na cultura do medievo ao interferir na construção e desenvolvimento do psiquismo humano. O Homem sofre a ação do meio ambiente sobre seus dispositivos constitucionais, na estruturação da vida pulsional e criatividade. De forma recíproca, pensamentos, ideias e ações interferem sobre o ambiente em um dado momento. São processos que ocorrem em contínua transformação e em distintas velocidades. Muitas das transformações são tão lentas nos processos históricos da espécie humana que levam a pensar serem imutáveis. Outras têm velocidades variáveis de transformação, como utopias, sonhos, estruturação narcísica, organização do ego, valores morais, éticos, hábitos, costumes, moda. Influências da cultura na estruturação do aparelho psíquico individual e coletivo. Na obra de Franco Júnior aprofunda-se o conhecimento sobre o medievo e seus reflexos nas utopias contemporâneas exemplificadas pelas diferentes noções de tempo e espaço. A obra está organizada de forma temática: conceitual, comunidades utópicas medievais e matriz edênica.

Ao analisar a complexa questão conceitual. Desenvolve em sete capítulos: exílio terreno; palavra e a coisa, perspectiva nominalista; semântica

1 Psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com especialização nas áreas da infância e da adolescência (IPA). PhD em História Social (USP).

conceitual; a sintaxe conceitual; o espaço ausente; o tempo suspenso. Os estudiosos divergem: uns acreditam que as utopias passaram a existir após a criação do texto de Thomas More (1516). Outros, salientam que, embora o termo não tenha sido cunhado, as buscas de condições de vida idealizadas estavam presentes desde a Antiguidade, nos textos religiosos. Franco Júnior evidencia o papel do historiador cujo objetivo central é “procurar traços de vida”, “Aquilo que o olhar profissional do historiador vê como passado era presente, e devemos tentar entendê-lo enquanto tal. E, como todo presente, ele imaginava para si um passado e um futuro” (p. 9).

Assinala como processos históricos contribuem para ampliar a percepção psicanalítica em seus múltiplos espaços subjetivos: intra, inter e transpícuo. Interações que agem na construção do aparelho psíquico individual e sua inserção com o coletivo, e vice-versa. Os instintos podem ser similares, mas as pulsões se diferenciam em suas manifestações projetadas nas utopias, nos sonhos, nos imaginários, nos desejos em diferentes épocas.

Psicanalista e historiador, com seus instrumentos e métodos, procuram nas fontes originárias correlacionar informações e vivências que ajudam a elucidar o não dito presente nas entrelinhas das narrativas e outras formas de expressão do interlocutor. Desvendar tais enigmas ajuda a revelar zonas de conflitos, fantasias, mecanismos defensivos do ego, formas de pensar pensamentos, elementos narcísicos, idealizações. Interfaces geradoras de conexões e vivências na formulação de hipóteses e interpretações a serem confirmadas pelas novas associações, achados e documentos históricos. Conjuntos de significantes que expressam conflitos, traumas, zonas de tensão emocional, interesses e poderes. A interpretação amplia a compreensão e gera oportunidade transformadora de conhecimento e de ações melhor integradas ao sujeito e ao meio ambiente. Trata-se de uma luta pelo encontro da felicidade na relação com a realidade.

À semelhança dos tempos medievais, o homem contemporâneo prossegue e persegue na busca do Paraíso Perdido. Lugar onde o ser humano pode satisfazer todos os seus desejos, livre de pecados, sem ter de arcar com consequências e tensões. Um estado mental individual e coletivo que procura encontrar na realidade externa a eterna Cocanha ou Shangri-La. Lugares onde o tempo se detém em meio a imagens maravilhosas, espaço-tempo pleno de felicidade, harmonia e paz; o *gan eden* do Velho Testamento. Freud, em “O mal-estar na civilização” e “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, salienta as relações entre a busca de prazer e a realidade, esta geralmente acompanhada de frustrações.

Franco Júnior investiga o imaginário dominante no mundo cristão ocidental do medievo por meio de estudos documentais e iconográficos. Evidencia

pensamentos da época reveladores de mecanismos psicológicos ligados ao divino. O Paraíso Celestial a ser encontrado no Além tem seu equivalente na vida terrena na dependência de cada época e lugar do processo histórico. Ele se produz por conjuntos de significantes capazes de gerar crenças e mitos; imaginários alimentados pela eterna busca de uma condição idealizada no modo de ser, estar, sentir, pensar, ter e agir. O autor nos revela as expectativas do mundo religioso medieval em confronto com ideias e ações individuais e coletivas daquela época.

No capítulo 6, observa a relação tempo-espaço vista por diferentes áreas do conhecimento (física, filosofia, sociologia, psicanálise). No medievo: “A preeminência do espaço era clara na Europa cristã, que identificava Deus com o espaço absoluto .... A história, que é tempo, estava, do ponto de vista medieval, contida no espaço” (pp. 131-132). Hilário cita como exemplo que: “... a tribo amazônica dos *pirahã* não possui recursos linguísticos para quantificar, nem palavras para medir o tempo ou divisões temporais correspondentes a passado, presente e futuro, suas formas verbais são temporalmente ambíguas” (p. 151).

Do ponto de vista do psicanalista, as variações nos códigos que definem a relação tempo-espaço interferem nas configurações dos dispositivos do psiquismo e em suas metapsicologias, bem como nas abordagens do processo psicanalítico.

Franco Júnior percorre comunidades utópicas medievais, analisa traços essenciais como: pureza e ordem, justiça e paz, fraternidade e igualdade, liberdade e prosperidade, utopias e heresia. e uma tipologia das utopias.

Liberdade absoluta é inconcebível; igualdade, um conceito problemático; fraternidade ocupa lugar importante na escala de valores. Da utopia de transformar o mundo em uma imensa fraternidade surgem movimentos mendicantes: dominicanos, franciscanos. A luta fratricida do passado persiste nos dias atuais em meio a tentativas ideológicas defendidas, herculeamente, em nome da paz, harmonia, liberdade, igualdade, fraternidade. O equilíbrio social e psicológico é instável; requer trabalho individual e coletivo constantes como ocorria naquele tempo em que a paz se encontra no Além, acompanhada de buscas utópicas de se construir um mundo dentro do “ideal de uma sociedade cristã igualitária e comunista” (p. 239).

A noção de liberdade provém dos textos genésicos. Adão, ao fazer mau uso da liberdade, ultrapassou os limites. Livre, rompeu a ordem ao comer o fruto proibido; agiu contra a própria liberdade, pois a verdadeira está em seguir a Deus. Franco Júnior salienta: “A teologia medieval continuará ao longo dos séculos a insistir, mesmo se com matizes variáveis, em que a natureza tende à verdade e ao bem, daí a liberdade não ser escolha arbitrária, mas calcada na razão” (p. 247). Hipótese que abre ampla discussão filosófica para os nossos dias ao

se questionar o sentido social, político e psicológico da liberdade, cotejada pelo conceito de livre-arbítrio agostiniano, moldado na vontade dirigida para o bem, enquanto o mal deveria ser expurgado do corpo.

No capítulo “O espírito utópico: o mundo de ponta-cabeça” o autor retrata a visão que se tem do mundo naquela época tomado pela expectativa de se alcançar abundância, paz, felicidade. Desde o século 7 a.C. acreditava-se que houvera uma inversão no mundo; que ele havia ficado de ponta-cabeça diante da realidade vivida. Os Carnavais representavam os desejos de se viver em um mundo edênico de prazeres ilimitados, inspiração para artistas de todas as épocas. Seria o desejo da ausência da repressão em confronto com as contradições entre pulsões e realidade tão ao sabor do pensamento freudiano.

Na visão histórica das transformações da civilização judaico-cristã carregam-se utopias que buscam o reencontro do Paraíso Perdido. Formas de idealizações inconscientes projetadas na cultura de cada época e região. Elas evidenciam as ambições e ambivalências da natureza humana individual e coletiva em uma dada cultura, em diferentes níveis do pensar como Bion evidenciou em *Cogitações* (1992) e Winnicott em relação à criatividade humana.

O imaginário coletivo transmite-se de geração em geração com transformações que ocorrem em diferentes intensidades e velocidades ao longo do tempo e espaço. Possuem dinâmica própria, polimórfica e caleidoscópica. Conhecimentos que ajudam a compreender a afirmação feita por Franco Júnior no Capítulo 14 (p.319): “toda época anseia por um mundo mais belo. Quanto mais profundos o desespero e a consternação diante de um presente incerto, tanto maior será esse desejo ... toda cultura almeja tornar real um mundo imaginário mediante a recriação das formas sociais”.

O autor sugere que a felicidade “só é possível de forma episódica, como mostra o fato de uma situação prolongada sob o princípio do prazer gerar sentimento de pequeno contentamento” (p. 326). Com base nos dois princípios do funcionamento mental de Freud, prazer e realidade, o autor amplia a compreensão das utopias medievais.

O tempo passa, as idealizações humanas mudam em forma e expressividade, mas estão presentes diante das realidades vividas nos vários níveis de subjetivação. O mundo globalizado não é homogêneo; cada um vive e sente à sua maneira e em função da singularidade e particularidade de seu processo histórico, de heranças culturais e arcaicas recebidas da família, da coletividade e da humanidade. Alianças inconscientes se estabelecem nos processos de identificação, na incorporação e desenvolvimento de elementos éticos, morais e culturais que sustentam o pertencimento a grupos sociais. Algo que se aproxima do que Freud chamou de “arquitetura psíquica”. Segue-se caminhando

à procura do Paraíso Perdido, desejo utópico que não nos abandona, no céu, na terra ou no Além.

Na terceira parte do livro o autor analisa a matriz edênica distribuída em sete capítulos: beleza e fartura, saúde e imortalidade, harmonia e justiça, unidade e androginia. As *Peregrinationis* são retornos às memórias do Paraíso Perdido. Utiliza um pensamento de Somerset Maugham: “O que torna a velhice difícil de suportar não é o esgotamento das faculdades mentais e físicas, mas o peso das recordações (p. 475)” para enfatizar que a transmissão da memória coletiva, da memória de longo prazo não se restringe a “uma conservação passiva do passado, e sim a uma reconstrução ativa que ocorre num palco bem mais amplo do que apenas o do sujeito que rememora, razão pela qual a memória, além de biológica e pessoal, é também social e coletiva” (p. 475).

Essa eterna busca revela-se na 72 (p. 474): “a noção do desejo (*Wunsch*) em Freud é uma representação inconsciente de certos processos primários que se quer estabelecer visando resgatar experiências anteriores positivas”. Necessitamos das ilusões, isto é, das utopias que nos remetem a um estado mental primitivo de que a mãe ou o seu substituto virá nos preencher de amor, amparo e satisfação, para prosseguirmos na vida ao lidarmos com as incertezas e frustrações que nos acompanham.

Franco Júnior oferece extensa bibliografia específica. Relaciona autores da Antiguidade pagã e cristã, outros medievais e artistas daquele período. Documentos e iluminuras auxiliam na identificação dos fenômenos do medievo. Lança luzes para uma compreensão melhor dos processos históricos, sociais e psicológicos do homem presentes em sua capacidade de

Recordar e imaginar, isto é, ligar-se ao passado e ao futuro dá sentido ao presente, torna o homem – e nisso reside sua especificidade essencial – um ser histórico. (p. 497)

Como psicanalistas precisamos observar as transformações históricas; como elas afetam a estruturação, a dinâmica e a economia mental. A psicanálise se transforma porque o Homem sofre mudanças que precisam ser acompanhadas pela percepção do psicanalista que também está em constante processo de transformação e de revisão das percepções de si mesmo e do seu paciente. A complexidade do mundo contemporâneo impõe ao analisando e ao analisista mudanças em sua subjetivação, conseqüentemente, nas características da relação transferencial/contratransferencial.

Franco Júnior nos leva a uma viagem ao passado presente que nos auxilia a penetrar nos mistérios da mente humana. É um livro para ser degustado com prazer, reflexão, e que nos nutre de sabedoria.